

A OBRA DE PAUL EHRENREICH

Egon SCHADEN

Aos 14 de abril de 1914, falecia em Berlim o etnólogo Paul Ehrenreich, um dos grandes exploradores alemães que no último quartel do século passado trabalharam entre os índios do Brasil. Era doutor em Medicina e em Filosofia, além de docente-livre da Universidade de Berlim, sua cidade natal. Pertencia à velha estirpe de sábios incapazes de se enclausurarem na temática de uma especialidade restrita, de obreiros do espírito para as quais a solução dos problemas particulares havia de ser empreendida, sempre que possível, dentro de um amplo esquema de referência e com o domínio de um grande acervo de dados concretos. Era também dos que distribuíam o seu interesse de maneira mais ou menos uniforme por todas ou quase todas as múltiplas disciplinas da Ciência do Homem, o que hoje em dia, pela complexidade que estes estudos assumiram, se vem tornando cada vez mais raro. Tinha ao mesmo tempo o espírito e os olhos abertos para os problemas das ciências naturais. No interior do Brasil reuniu não somente coleções etnográficas, mas também zoológicas e, além disso, contribuiu para a geografia do País.

A obra de Paul Ehrenreich abrange principalmente ensaios de teoria e método, descrições etnográficas, como estudos etnológicos, linguísticos, somatológicos e, acima de tudo, de mitologia comparada. Na maioria, são dedicados ao conhecimento científico do índio brasileiro, ora sistematizando resultados de pesquisas de campo, ora apresentando a interpretação do material colhido e a de dados esparsos pela literatura especializada. No conjunto desses trabalhos sobressaem como características dominantes a adoção conseqüente de diretrizes teóricas, o rigor do método de análise, um extraordinário senso de precisão e por vezes também invejável capacidade de síntese. Mesmo os que se lhe

opunham no campo da teoria e do método - como, por exemplo, Wilhelm Schmidt e, mais tarde, Ruth Benedict - não tinham dúvidas em reconhecer o valor de suas contribuições. E ainda hoje a maioria dos livros e artigos que publicou sobre os nossos silvícolas é tida como indispensável aos que se ocupam com a etnologia do Brasil.

Fez viagens de estudos à Índia, ao Egito e sobretudo ao Brasil, onde o trouxeram duas expedições. Na primeira (1884-1885) esteve entre os Botocudos do Rio Doce; na segunda acompanhou a Karl von den Steinen ao alto Xingu (1887-1888), para a seguir (1888-1889) visitar os Karajás do Araguaia e afinal os Paumari, os Yamamadi e os Ipuriná do Purus. De passagem, teve também contatos com representantes de outras tribos, recolhendo especialmente material linguístico. Do que viu e ouviu nessas viagens resultou uma série de estudos, dentre os quais se destacam monografias sobre os Botocudos do Espírito Santo e os Karajá, bem como um livro com a análise de suas observações e mensurações somatológicas das tribos que visitou. Não cabe aqui, nem seria possível, apreciar devidamente a cada um desses trabalhos. Diga-se que, a par de seu valor intrínseco, encerram dados de primeira mão sobre fenômenos hoje desaparecidos ou mesmo, como no caso dos Botocudos, sobre tribos que deixaram de existir. Apesar das falhas que possa ter, a monografia sobre estes índios é insubstituível, já por serem tão escassos os nossos conhecimentos a seu respeito, já porque retrata a tribo em determinados momento de sua história. E não se reduz à apresentação pura e simples de dados etnográficos, linguísticos e somatológicos, mas visa a elucidar a situação dos Botocudos no quadro geral dos aborígenes brasileiros. O sábio aí se pronuncia a favor da hipótese de que esses índios, e outros da faixa oriental, eram os representantes mais antigos da grande família Jê e de que teriam como antepassado comum o homem da Lagoa Santa, descoberto por Lund. Enquanto os Jê ocidentais ou propriamente ditos, pelo contato com outras tribos, e adaptando-se a condições naturais diferentes, experimentaram maior desenvolvimento cultural, os Botocudos, permanecendo na região inicial das migrações, teriam conservado a primitiva cultura do grupo. Quer se adote ou se rejeite a conclusão, a que hoje talvez se oponham dúvidas, serviu ela em todo caso de hipótese de trabalho aos que mais tarde iriam retomar com o problema com apoio em maior riqueza de elementos. E se, após as pesquisas de Fritz Krause e de outros, a monografia sobre os Karajá passa por

antiquada, nem por isso pode ignorá-la o etnólogo de hoje, sobretudo, como observa Baldus, quando se trata de conhecer a aculturação da tribo. Antes das pesquisas de Ehrenreich ignorava-se até que os Karajá constituíam uma população inteiramente distinta dos Karaib e dos Jê e que tanto a sua língua como as características fundamentais de sua cultura faziam deles uma tribo à parte dos grandes grupos. Ademais, ninguém imaginava, lembra Teschauer, que as tribos do Purus representassem o “membro conjuntivo” entre os Aruák setentrionais e os da Bolívia e de Mato Grosso. São fatos de há muito incorporados às noções elementares da etnologia sul-americana e já tão corriqueiros que facilmente nos esquecemos de que houve tempo em que ninguém os conhecia. Afinal, a sorte do cientista é a de ser pioneiro ou precursor.

Coisa semelhante vale para outras contribuições de Ehrenreich. Assim, o volume sobre a antropologia física dos silvícolas, valioso na época, está longe de satisfazer às exigências modernas, mas cabe-lhe, por exemplo, o mérito de ter ajudado a destruir o mito da homogeneidade somática das populações aborígenes do Novo Mundo. Tampouco a análise comparativa da mitologia dos índios sul-americanos, publicada em 1905, não corresponde, é evidente, à maneira pela qual hoje se empreenderia a tarefa. No entanto, continua sendo a única tentativa de dar uma vista de conjunto das tradições míticas e de submetê-las a uma linha de interpretação. Aliás, no último período de vida essa ordem de problemas se tornou o campo de predileção do cientista. Publicou também um importante tratado teórico sobre os fundamentos etnológicos da mitologia geral, e, no dizer de Baumann, não se escreveu ainda outro livro em que a matéria fosse discutida com a necessária amplitude. Adepto da chamada “mitologia astral”, defendida especialmente por Siecke, Ehrenreich considerava as criações míticas devidas primariamente não a simples projeções da vida psíquica, mas à visão concreta, antropomorfizante, de fenômenos da natureza, sobretudo lunares e solares. Nem por isso excluía outras perspectivas, entre estas a comparação dos mitos de diferentes regiões geográficas do mundo para descobrir a sua possível conexão histórico-cultural ou estabelecer áreas de difusão. O seu domínio extraordinário da vasta literatura sobre o assunto o habilitava, como a ninguém mais, a enveredar-se com êxito por esse caminho. Entretanto, a morte, que o surpreendeu em meio de intenso trabalho, não lhe permitiu ensaiá-la senão para o continente sul-americano. O resultado, de maior

alcance para a etnologia brasileira foi a determinação de três grandes ciclos míticos, cada um deles caracterizado pela ocorrência de motivos peculiares, e correspondentes às famílias linguísticas tupi-guarani, aruák e karaib. Além disso, ficou, fora de dúvida a conexão pré-histórica com a mitologia dos índios norte-americanos.

Ehrenreich não era nada otimista quanto ao destino dos silvícolas brasileiros, mormente em face do que vira entre os Botocudos do Espírito Santo, do grau de seu depauperamento físico e de sua desmoralização pelo convívio com os brancos. Retomando a famosa frase de Martius, de que “a humanidade americana já não tem futuro”, declara-a desmentida para as populações nativas dos países das grandes civilizações pré-colombianas, que, afirma, retomaram alento após um longo período de opressão e decadência, mas “tanto mais verdadeira para essas hordas primitivíssimas (os Botocudos) que vagueiam sem prática em sua própria terra e de cuja existência no próximo século já não haverá testemunhos, salvo escassos restos de esqueletos e utensílios de pedra encontrados cá e acolá na derrubada das matas”. Isto é de 1887. A precisão se realizou. E de então para cá dezenas de tribos tiveram igual sorte.

Não se há de dizer que o Brasil deixou de fazer justiça a Ehrenreich. Já em 1887 foi nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e mais tarde, em 1907, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lhe conferiu idêntica distinção. Boa parte de seus trabalhos foi vertida para o português. A Capistrano de Abreu devemos a tradução de um estudo sobre a “Divisão e distribuição das tribos do Brasil segundo o estado dos nossos conhecimentos” e de outro sobre “A Etnografia da América do Sul ao começar o século XX”. M. de Oliveira Lima, Alexandre Hummel e Egon Schaden traduziram mais alguns. Foram divulgados em parte pela imprensa (“Diário Oficial” e “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro) e pelos órgãos de várias entidades científicas nacionais. Herbert Baldus escreveu um ensaio biobibliográfico a título de introdução às “Contribuições para a Etnologia do Brasil”, que abrangem os trabalhos sobre os Karajá e as tribos do Purus e cujo texto em português se encontra na “Revista do Museu Paulista”. Por outro lado, o livro sobre a mitologia dos índios sul-americanos continua acessível só no original. Um dos grandes admiradores brasileiros

do etnólogo foi Rodolfo Garcia, que em seu magistral resumo da “Etnografia Brasileira” (no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, comemorativo do primeiro centenário da Independência) se apoia muitas vezes na opinião de Ehrenreich. Considerava de “altíssimo valor” as contribuições com que este enriqueceu os conhecimentos sobre as culturas indígenas de nosso País.

(De “O Estado de S. Paulo”, supl. cultural)